

Qual Linha de Pobreza? Uma Resposta a Reddy

por *Martin Ravallion, Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento do Banco Mundial*

Há alguns anos um consenso surgiu na comunidade em desenvolvimento acerca da idéia de uma linha da pobreza internacional por volta de 1 dólar diário com base na paridade do poder de compra. Este se tornou o foco do primeiro Objetivo de Desenvolvimento para o Milênio (ODM), que estabelece a redução pela metade da incidência da pobreza de 1990 até 2015, considerando a linha de pobreza de 1 dólar diário.

Em um recente One Pager, "[As Estimativas de Pobreza na América Latina são Confiáveis?](#)", Sanjay Reddy insiste que essa linha de pobreza é "arbitrária" e "não confiável". Ele defende que esta linha é baixa demais para refletir o custo de não ser considerado pobre na América Latina.

Reddy deixa de apontar que a linha de 1 dólar diário não tem a intenção de medir a pobreza na América Latina nos padrões considerados apropriados pela maioria dos latino-americanos. A linha de 1 dólar por dia foi explicitamente desenhada para ser representativa das linhas de pobreza dos países mais pobres, nenhum dos quais está na América Latina. Enquanto as estimativas mais recentes indicam que cerca de um quinto da população do mundo em desenvolvimento vive abaixo da linha de 1 dólar por dia, na América Latina o índice é menor que 10 por cento (embora este valor ainda assim represente uma quantidade considerável de pessoas pobres).

Na tentativa de medir a pobreza absoluta de renda do mundo como um todo, há um forte motivo para tratar duas pessoas quaisquer que tenham a mesma renda da mesma forma, mesmo quando essas pessoas vivem em países diferentes. Precisamos de um ponto de referência em comum.

É claramente sabido pelo Banco Mundial que 1 dólar diário é uma linha frugal. Dificilmente alguém poderia argumentar que aquelas pessoas que são pobres pelos padrões dos países mais pobres não são de fato pobres. Isso dá à linha de 1 dólar diário a vantagem de focalizar os mais pobres no mundo, o que uma linha mais alta não faria. No outro extremo, considere uma análise da pobreza nos países mais pobres tendo em vista os padrões dos EUA. Saber que 95 por cento ou mais da população é pobre por estes padrões é provavelmente irrelevante para um país pobre, dado que os padrões de vida norte-americanos não estão ao alcance da maioria.

Reddy argumenta que há uma abordagem melhor, apesar de não detalhá-la muito. Ele se refere a seu trabalho com Thomas Pogge que, por sua vez, cita Reddy et al. (2006), onde se encontra detalhes sobre sua abordagem de "capacidades". Esta envolve o cálculo do custo de uma cesta alimentar específica para cada país, levando em consideração uma dieta avaliada como nutricionalmente adequada para os extratos sociais mais pobres de cada país. A essa linha de pobreza nutricional, é adicionado um valor extra para gastos não alimentares consistentes com os padrões de consumo daqueles próximos à linha de pobreza nutricional. A questão chave para Reddy é que um ponto comum de necessidades nutricionais – ele usa 2.100 calorias por pessoa ao dia – deveria ser usado por todos os países.

Porém, isso soa muito similar ao utilizado atualmente pela maioria dos países para a medição dos índices de pobreza. De fato, este é o método utilizado por 80 por cento dos países cujas avaliações de pobreza estão resumidas em Ravallion et al. (2008). Os resultados das avaliações nacionais de pobreza estão compilados nos Indicadores de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial, ao lado dos indicadores baseados em “1 dólar diário”. Parece que Sanjay Reddy reinventou a roda.

Reddy também ignora um problema importante: o poder de compra dos bens das linhas de pobreza geradas por seu método preferido não é, o que pode ser facilmente demonstrado, constante para todos os países. A culpa não é dos limites nutricionais, que não variam tanto, mas, ao contrário, o fato de que há múltiplas maneiras de se atingir 2.100 calorias, implicando em muitos padrões de vida diferentes. Não é surpresa que pessoas, em países mais ricos, tendam a consumir calorias mais caras e isso se reflete nas linhas de pobreza. Nos diferentes países, a elasticidade da renda das linhas de pobreza alimentar é 0,5; a elasticidade dos componentes não alimentares da linha de pobreza é ainda maior, 0,9. (Ravallion et al., 2008).

Dessa forma, duas pessoas com a mesma renda real, mas vivendo em países diferentes não serão tratadas da mesma forma pelo método proposto por Reddy; a pessoa vivendo no país mais pobre terá menor probabilidade de ser considerada pobre.

Tudo isso nos remete à questão chave: por qual definição devemos medir a pobreza no mundo como um todo? A primeira ODM está dizendo implicitamente que deveríamos começar pela definição encontrada nos países mais pobres e dar prioridade em trazer todos no mundo àquele padrão. Assim que isso estiver feito poderemos iniciar a tarefa de trazer todos ao nível necessário para escapar da pobreza na América Latina, com base nos padrões latino-americanos. Ainda temos um longo caminho a trilhar.

Referências:

Ravallion, Martin, Shaohua Chen and Prem Sangraula, 2008, “Dollar a Day Revisited,” Policy Research Working Paper, World Bank, Washington DC. Available at <<http://econ.worldbank.org/docsearch>>.

Reddy, Sanjay G., Sujata Visaria and Muhammad Asali, 2006, “Inter-Country Comparisons of Income Poverty Based on a Capability Approach,” Department of Economics, Barnard College. Available at <<http://ssrn.com/abstract=915406>>.

O **Centro Internacional de Pobreza** (CIP) é um projeto conjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Governo Brasileiro, que tem como finalidade a promoção da Cooperação Sul-Sul em pesquisa aplicada e treinamento sobre temas relacionados à pobreza. O CIP se especializa na análise dos temas da pobreza e da desigualdade e na provisão de recomendações para a formulação de políticas direcionadas à redução da pobreza. O CIP é diretamente vinculado ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o qual elabora pesquisas no âmbito do Governo Brasileiro, e ao Bureau for Development Policy, PNUD.

O CIP publica Working Papers, Policy Research Briefs, edições da revista *Poverty in Focus*, One Pagers e Country Studies.

Para informações adicionais e acesso às publicações do CIP:
www.undp-povertycentre.org